

## **A navegar é que se pretendem ilhas**

Há uma qualidade insuspeita do acontecimento da navegação: a iminência de certa imprecisão. O conhecimento de instrumentos de orientação parece estar à espera da insubmissão do tempo, que, em alto mar, aparece pleno, e sugere refletir sobre os limites da inconstância assim como nos subterfúgios que asseguram travessias.

Em *Ilhas de Navegação*, a artista Claudia Tavares conta sobre a noção de instabilidade por meio da percepção dos lugares que ocupamos, como porções moventes, dada sua momentaneidade. É como se dissesse: é preciso, para viver, que um dia se navegue. O trabalho então parte da experiência da artista em um navio cargueiro, onde Claudia permaneceu embarcada em alto mar por seis dias. Ali, atesta a condição de isolamento, de modo que a embarcação passa a configurar uma ilha circunstancial, uma porção de chão possível e seguro, em meio a água que a rodeia. Mar que não para de bater em ondulações e mover-se insistentemente na pequena e grande área.

Pensar sobre a ilha é evidenciar um imaginário diverso de concepções como aquele da “vantagem de ser quase uma ficção sem deixar de constituir realidade”<sup>1</sup>. A artista lida com uma ordem de elementos que configuram por si só, cada um, uma dimensão simbólica e cultural. Mar, ilha, vento, navegação e tempo cintilam como ferramentas na orientação deste trabalho.

Nesta exposição individual é apresentado um conjunto de trabalhos inéditos espacializados em núcleos, ou melhor, quatro ilhas de percurso. Uma delas é composta por três vídeos com dimensões distintas cada um, que ora podem aludir a escotilhas, ora à uma espécie de visor. Configuram enquadramentos enfaticamente propositivos, pois é preciso compreender a ênfase naquilo que foi visto e escolhido a partir da observação experienciada da artista.

Em *Eu, ilhas* tem-se a vista que não se avista usualmente. Uma paisagem que é menos da cidade do Rio de Janeiro, e mais a da imagem acerca daquilo que podemos imaginar como margem, a porção de terra, a qual em geral, pertencemos. Afinal, quase nunca se está do outro lado, o da linha do horizonte. Pensando assim, podemos nos enxergar no lado de lá, na margem, com os pés fixados no chão do porto, pois ali é o lugar da visão comum de si, onde sempre estivemos. Claudia comenta que no decorrer

de sua observação reparou na relação de escalas entre as mercadorias e o humano, o grande e o pequeno, indissociável portanto, do raciocínio de uma macro economia e dos artificios de manutenção da vida. “O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto”<sup>2</sup>

Em contraposição, em *Mar Maré*, um barquinho entra e sai de quadro. Esse movimento navegante que suprime o barco do enquadramento remete, como a artista deixa entrever, a uma elipse na eminência de busca constante e variada, na vida, a algo que lhe dê sustentação e faça sobreviver. O movimento, a inconstância e seus efeitos aparecem em *Maré Mar*, outro vídeo, para refletir sobre a instabilidade dos lugares que ocupamos, dos horizontes incertos, a partir dos efeitos de contextos sobre nós. Ondulações, água e maré ressoam vigorosamente sobre os estados do ser. E podemos pensar sobre atitudes e materializações decorrentes de novos humores. “Navios cada vez maiores foram sendo construídos [...] Enquanto uns se dedicavam corpo e tempo inteiro à bem remunerada tarefa de aumentar navios, [...] outros se metiam a alquimistas jivaros em produzi-los cada vez menores para AUMENTAR OS RIOS!”<sup>3</sup>

É significativo que se perceba a paisagem-horizonte tanto quanto se escute o murmúrio que conta ‘preciso, é navegar’ como sendo a de muitas histórias latentes. A repetição narrada por Claudia garante pistas disto: navegar é preciso, viver, não é preciso; preciso, viver, não é preciso navegar; preciso viver, não é preciso navegar<sup>4</sup> (...). Compreendo a trajetória da artista atravessada por estratégias narrativas que alavancam seus processos de produção ou mesmo fazem parte deles. “Esperei dois anos para embarcar [...] eu ficava olhando pro mar e pensava nesse movimento constante que o vento traz e o mar imprimir e não para”<sup>5</sup>.

Claudia Tavares é uma artista que destaca a ‘observação’ como método. “Percebo que as experiências que vivo se transformam em trabalho”, diz. Apesar de se reconhecer como uma artista atrelada às imagens técnicas, como fotografia e vídeo, Claudia vem incorporando desenho e aquarela em suas pesquisas de modo a adensar suas composições. A instalação *Notas de Navegação* é composta por variados cadernos colocados sobre totens que têm suas páginas brancas, azuis e cinzas movidas pelo vento. Cada um está marcado com impressões, associações e ideias rascunhadas em palavras,

imagens e garatujas dos processos da artista-observadora. Tais registros me fazem pensar até que ponto eles, os pequenos cadernos, não consubstanciam o equivalente à instrumentos de orientação, quando se precisa ir de um ponto a outro enfrentando imprevistos.

Este navegar, que pode ser parametrizado ao processo de produção artística, lida de maneira profunda com a possibilidade daquilo comentado acerca da ‘iminência de certa imprecisão’. Porém, é exatamente com a observação das possibilidades do impreciso, daquilo que pode prescindir de ser verificado, que certos processos artísticos se dão. Pois importa mais guiar a memória do ato de tomar nota do que resolvê-la ou finalizá-la. Há uma brecha para perceber que a observação é cúmplice tanto do que está por vir, quanto daquilo que neste momento faltará.

Por Cinara Barbosa

<sup>1</sup> DRUMMOND, Carlos Drummond de Andrade. Passeios na Ilha. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

<sup>2</sup> id. *ibid.*

<sup>3</sup> LEMINSKI, Paulo. Catatau. Porto Alegre: Sulina, 1989.

<sup>4</sup> PESSOA, Fernando. Obras Completas. São Paulo: Nova Aguilar, 2004

<sup>5</sup> Conversa com a artista.